

Lobato: entre dúvidas e certezas

Felipe Eugênio de Leão Esteves*

Antes de cair em análise sobre a narrativa de Monteiro Lobato em *O Presidente Negro* (1926) e em *Georgismo e Comunismo* (1948) é importante que se deixem claras as dificuldades e uma inevitável impossibilidade de circunscrevê-lo e engessá-lo sobre qualquer designação ideológica, ainda mais a partir da leitura de dois textos por ele elaborado (um ficção e o outro uma crônica). Esta adjetivação só poderia ser designada pela própria figura aqui analisada e, ainda assim, sujeita a um processamento de sua argumentação para tal. O objetivo aqui é intercruzar as indicações sugeridas nesses dois textos e, elaborando tais indicações numa perspectiva historiográfica, pinçar suas tendências de pensamento a partir de seu discurso literário e de seu vetor dentro de uma conjuntura histórica.

Um dos fatores decisivo que nos resguarda a não cair no erro de circunscrever Lobato é o fato de se estar analisando uma de suas obras literárias e não uma narrativa balizada por métodos de pesquisas científicas que norteiam teses no campo epistemológico. Aqui pensa-se que a literatura ficcional é elemento participe do bojo do que se chama de “real”, mas seu discurso não o reproduz — assim, emerge dele, mas não o reflete tal qual. Entende-se aqui a narrativa literária como *partículas refratadas da realidade* (AVELINO, 2001), um exercício do que “poderia ser”. Nesse entendimento, é mais adequado olhá-la como representação, mesmo que essa se construa a partir da experiência, do empirismo — mesmo que representação seja entendida na sua produção como um fluxo que queira despojar-se no real —, ainda assim é construção individual deliberada e que responde a essa subjetividade.

* É mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, onde desenvolve a pesquisa A mestiçagem e a cidade da Bahia de Jorge Amado em Tenda dos Milagres.

Resguardado por esses pressupostos de entendimento de que “a literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte” e o escritor assume o papel de construtor de “um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada” (CANDIDO, 2010: 187) é oportuno se pensar na pergunta “Monteiro Lobato: racista ou revolucionário”. Digo isso, pois a obra *O Presidente Negro* nos leva a esse paradoxo crucial. Bem como, *Georgismo e Comunismo* nos leva a pensar na dicotomia entre o liberal e o conservador.

No primeiro, Lobato se coloca a construir uma ficção científica com arrojadas e, sim, revolucionárias, previsões que mostra uma captação ímpar da realidade que o cercava, se adiantando no tempo em vários momentos. Concomitantemente ao seu caráter revolucionário de pensar o futuro da sociedade, posiciona discursos — emergentes na época — que alimentavam o *status quo* — portanto, também conservadores — nas relações raciais e étnicas, que o posiciona meio a uma retórica racista. No segundo, que se trata de uma crônica cheia de arroubos esbravejantes, carregada de um sentimento sobre o país que vai da distopia à utopia, Lobato defende o imposto único, que recai somente ao imposto territorial, ou seja, sobre o bem da terra. Com esse argumento discorre que o grande “câncer” do país é seu regime fiscal e adota as teorias de Henry George como uma terceira via amena entre o capitalismo e o comunismo, atentando para não tributação aos produtos criado ou desenvolvido pelo homem. Nesse caso, nota-se seu tom liberal visando o livre mercado, ao mesmo tempo em que defende uma suspeita equiparação do direito a terra — o que não é necessariamente uma reforma agrária igualitária.

Revolucionário ou racista?

Pois bem, para tal pergunta que guia esta digressão é conveniente explicar sobre algumas erudições de Monteiro Lobato e até mesmo suas diferentes aspirações na construção, principalmente, de *O Presidente Negro*. Não é possível dizer que os temas acerca de superioridade e degeneração racial e eugenia são exclusivos dessa publicação de Lobato, ao contrário,

essas ideias permearam seus estudos e conhecimentos sobre o homem e a sociedade desde muito cedo. Já em *Urupês* (1918), seu livro de contos, Lobato navega sobre as questões de hierarquização racial e higienismo quando opõe o caboclo ao mulato, colocando o segundo em escala mais avançada por nele coexistir o sangue europeu — mesmo sendo, os dois, frutos da mestiçagem. Um nome decisivo que o orientou por esses caminhos foi o do francês Gustave Le Bon, principalmente a publicação *L'Homme et Les Sociétés* (1881), na qual o autor afirma que a miscigenação é um fator de degeneração racial, que as raças são desiguais e que até mesmo as mulheres são inferiores aos homens, mesmo aos de “raças inferiores”, colocando em teoria um termo que se cunhou por darwinismo social.

O próprio Lobato falou sobre essa formação intelectual quando disse ter se “transformado em um montão de ruínas” após a leitura de Le Bon. Outros autores eugenistas e partícipes da corrente de pensamento racista do século XIX também fizeram parte de sua formação, como: Conde de Gobineau, Hypollite Taine e Ernest Renan. Em algumas cartas escritas por Lobato e reveladas tempos mais tarde na reunião destas feita por ele próprio em *A Barca de Gleyre* (1944), é notória essa influência no seu pensamento. Em confidência ao amigo Godofredo Rangel disse que o Rio de Janeiro estava enfestado de corcundas de Notre Dame devido à miscigenação crescente e que era necessária uma segregação racial no Brasil a lá ao que ocorria nos EUA, além de imigração europeia para *endireitar* a essência genética do povo brasileiro (LOBATO, 1944). Em *Cartas Escolhidas* (1964) mais uma vez fica nítido por onde circula suas ideias quando diz ser impossível *corrigir* o povo brasileiro e que somente uma “injeção de sangue da raça mais superior” (LOBATO, 1964) reverteria a situação do país — com isso exaltando uma imigração europeia para o Brasil.

Portanto, a elaboração de *O Presidente Negro* e seu discurso de superioridade racial colocado na boca de seus personagens não é inédita, porém algumas nuances da trama, bem como as motivações para construção desta, nos levam a outros lugares de análise. Trata-se de um enredo de ficção científica que remete em temática e em estética a *A Máquina do tempo* de H.G.Wells. É inegável a característica revolucionária de Lobato quando se

propôs a escrever esse texto em 1926 e — sendo analisado hoje, quase noventa anos após sua publicação — com um alto grau de êxitos nas suas previsões acerca de funcionamentos sociais, avanços tecnológicos e até mesmo no cerne central da obra que é a eleição de um presidente negro nos EUA.

A primeira problemática que aborda o texto é o inchaço urbano e a relação conflituosa entre *pedestres e rodantes*, que é como o personagem principal, Ayrton Lobo, enxerga as tensões na cidade grande: “ora, na rua eu via a humanidade dividida em duas castas, pedestres e rodantes, como batizei aos homens comuns e aos que circulavam sobre quatro pneus”. Tal tensão é abordada na cidade do Rio de Janeiro em 1926, o que prenuncia a intensificação industrial e o anseio de uma sociedade que vivia no período de plena maravilha pela indústria automobilística no país. Automaticamente nos leva a pensar na realidade atual da mobilidade urbana cada vez mais afetada nas grandes cidades do país. Fato é que o personagem Ayrton Lobo sofre um acidente com seu novo automóvel e é resgatado pelo “professor Benson” e sua filha “miss Jane” que o apresenta o “porviroscópio”, uma espécie de máquina do tempo que possibilita enxergar o futuro. É aí, então, que as previsões futurísticas de Lobato entram em cena até o fim da obra.

Com o argumento literário do porviroscópio, Lobato inicia suas previsões com a questão do aumento de carros e de pedestres nas ruas que será solucionado no futuro pelo “teletrabalho”: “em vez de ir todos os dias o empregado para o escritório e voltar pendurado num bonde que desliza sobre barulhentas rodas de aço, fará ele o seu serviço em casa e o radiará para o escritório. Em suma: trabalhar-se-á á distancia”, essa alternativa já se mostra presente nos dias atuais justamente pela dificuldade na mobilidade urbana e pela facilidade de interação via internet, até mesmo no campo educacional, o ensino a distância vem tomando formas mais abrangentes, aliás, outro ponto que toca Lobato: “as lições eram radiadas diretamente para a casa das alunas”.

O que hoje chamamos de celular foi chamado na obra de “receptor de bolso”, responsável por interligar a comunicação entre as pessoas. Portanto, Lobato prevê uma característica crucial da modernidade: o menor contato interpessoal em face das facilidades da comunicação à distância. Até os votos

em uma eleição poderão ser feitos à distância através do que ele chamou de “radio-transporte”: “os eleitores não saíam de casa - radiavam seus votos com destino à estação central - um aparelho engenhosíssimo os recebia e apurava automática e instantaneamente”. Portanto, se consideramos o advento da internet como a grande revolução do século XXI, não podemos considerar diferente a previsão deste fato.

Saindo das previsões tecnológicas, não são menos surpreendentes as previsões acerca do que ele chamou de “o choque das raças”, que iria acontecer no ano de 2228. É nesse momento que as ideias de eugenismo se apresentam na obra através da fala da personagem miss Jane, a qual, em conversa com Ayrton Lobo, discorre sobre a realidade avançada e desenvolvida do povo americano no ano de 2228 e que isso só se deu pelas políticas eugênicas e segregacionistas aplicadas naquele país. Com o argumento de que as raças se conservaram e a segregação salvou a degeneração da população. Nessa parte da obra, Lobato segue suas previsões, agora em relação ao aumento e fortalecimento dos movimentos de luta negra chamado na obra de “Associação Negra”, o que nos dá vazão a pensar sobre os *Panteras Negras*, movimento que se fortaleceu nos EUA nos anos setenta.

A personagem miss Jane, então, se coloca a narrar os fatos previstos no porviroscópio do ano de 2228 — ano de eleição presidencial nos EUA — a Ayrton Lobo para que esse possa escrever um romance ficcional de impacto. É nesse momento que Le Bon parece voltar aos pensamentos de Lobato quando esse diz que vão concorrer à presidência três frentes distintas: uma mulher branca, um presidente branco em reeleição e um negro, colocando a mulher nesse contexto como uma espécie inferior, volátil e sem a mesma estrutura emocional dos homens, até mesmo do negro, visto como raça mais atrasada. Nesse cenário a raça branca estaria dividida entre o homem e a mulher e os negros se tornam maioria e vencem as eleições com o candidato Jim Roy.

O fato faz com que a raça branca se reúna para discutir sobre a ofensiva negra e, não podendo usar da força para expulsar os negros do país, afinal, isso seria um ato de barbárie, o presidente branco ainda em exercício resolve aniquilar a raça negra do país de forma silenciosa. Desenvolve um produto que

torna o cabelo de afrodescendentes lisos ou “menos rebeldes” e esse produto vira uma febre entre a população negra — mais um indício da afirmação de superioridade racial, uma vez que o autor coloca o negro como almeiante à genética branca. O fato é que esse produto além de revolucionar o cabelo do negro, o esteriliza e o negro não teria mais capacidade de reprodução, e obviamente o segundo efeito do produto não foi divulgado. Estava ali uma solução para o extermínio da raça negra. “O problema negro da América está, pois, resolvido da melhor forma para a raça superior, detentora do cetro supremo da realeza humana”.

Conclusão

Podemos concluir que a formação erudita de Monteiro Lobato esteve por muito em torno de teóricos racistas que encontram no fator genéticos problemas e soluções. Esses pressupostos de alguma forma figuraram na elaboração literária de Lobato, bem como nas suas deliberadas opiniões sobre o homem e a sociedade. Em *O Presidente Negro* não notamos diferenças nessas tendências, pelo contrário, é nessa construção ficcional que Lobato traz a questão da raça para o centro da discussão. Através da personagem miss Jane, aponta para os mesmos lugares: superioridade racial, mestiçagem como degeneração da raça, o negro como raça primitiva, a teoria da evolução das espécies de Darwin aplicada aos meandros coletivos, enfim, uma série de concepções que nos fazem responder positivamente em relação ao racismo do autor.

Contudo, ao fim de *O Presidente Negro*, Lobato reposiciona as ordens do “mocinho” e do “bandido” na obra. Digo isso, pois a raça branca é colocada todo tempo como depositária da pureza, da manutenção da evolução das raças, a raça que está distante do barbarismo. Mas, no fim, são os brancos responsáveis por aniquilar da forma mais sorradeira a raça negra quando soluciona acabar com as chances de sua reprodução. Se não pratica uma violência explícita, pratica uma violência silenciosa, talvez ainda mais profunda por seu caráter definitivo. O herói se torna algoz na representação de Lobato. Em metáfora: leva o troféu abandonando completamente o *fair play* e a ética do

jogo. Comete do próprio barbarismo que acusa no outro. Isso tem um peso representativo e não passa ileso. No “choque das raças” proposto por Lobato, o elemento branco vence, mas a custas de quê?

Outro fator que deve ser colocado — não como justificativa das suas opções ideológicas e literárias, mas como informação — são as motivações de Lobato na escrita desta obra. Em 1926 Lobato mudaria-se para os EUA e tinha pretensões de fazer sucesso no país com sua obra. Em *Cartas Escolhidas*, explicita que antes de sua chegada à Nova Iorque recebeu um telegrama da agência de notícias *United Press* citando *O Presidente Negro* e até uma “provável edição inglesa”. Em palavras de Lobato à época: “Minhas esperanças estão todas na América. Mas o 'Choque' só em fins de janeiro estará traduzido para o inglês, de modo que só lá pelo segundo semestre verei dólares. Mas os verei e à beça, já não resta a menor dúvida”. Não há como duvidar do seu anseio de sucesso em terra americana.

Em vistas de todas essas questões, não caio em tentação em afirmar que Lobato é menos revolucionário por nele orbitar pressupostos racistas. O que o autor foi capaz de pensar e colocar em prática literária em *O Presidente Negro* é brilhante, tanto na sua questão estética literária, bem como na ficção científica altamente visionária que construiu. Em *Georgismo e Comunismo* nota-se também seu caráter impetuoso de tocar em feridas, como a questão da tributação no país — mesmo que também se analise seu discurso como uma busca mais eficiente de se combater ideias comunistas e conservar estruturas. Como quociente final para a pergunta “Lobato: revolucionário ou racista” por hora fico com Lobato: revolucionário e racista.

Referências Bibliográficas

AVELINO, Yvone Dias. “História e Literatura: cidades, memórias e esquecimentos na América Latina”. In: AVELINO, Y.D; FILHO, R.C.B; FLÓRIO, M (orgs.). *Olhares Cruzados: cidade, história, arte e mídia*. São Paulo: Editora CRV. 2011.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2010.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre. Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Brasiliense, 1950.

LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, v. 1. 1959.

LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo e Georgismo e Comunismo*. São Paulo: Editora Globo, 2011.

LOBATO, Monteiro. *O Presidente Negro ou O Choque das Raças: Romance Americano do Ano 2228*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1971.